

Seção de Livros



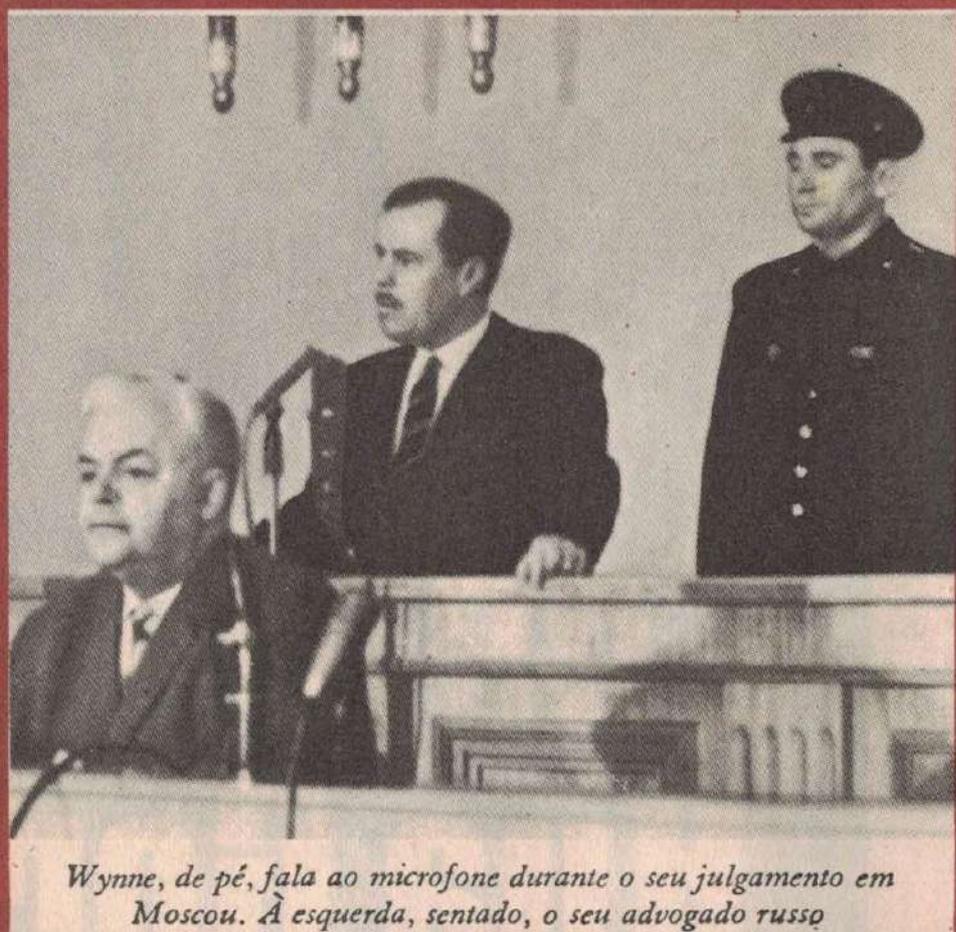
# Contato na Rua Gorki

*Condensação  
de um livro  
a sair*

**GREVILLE WYNNE**

# Contato na Rua Gorki

Em 1960, Greville Wynne foi a Moscou, como homem de negócio. Na realidade, era um agente secreto inglês. Missão: entrar em contato com o Coronel Oleg Penkovsky, do Serviço Secreto Militar Soviético, e ver se ele queria ajudar o Ocidente. Em-



*Wynne, de pé, fala ao microfone durante o seu julgamento em Moscou. À esquerda, sentado, o seu advogado russo*

bora terminasse prêso e julgado por espionagem, o êxito da missão de Wynne ultrapassou qualquer expectativa. As informações de Penkovsky alteraram o rumo da guerra fria, mas até agora ninguém pôde falar sobre isso. Aqui está, pela primeira vez, a narração de um dos mais espantosos casos de espionagem da História.

P

ARQUE VAROSLIGET,  
BUDAPESTE.

Havia uma luz pálida no céu e um grande silêncio. Ao descer a escada do pavilhão tive um pressentimento de perigo. As palmas de minhas mãos estavam úmidas de suor. Os delegados húngaros que tinham estado comigo nas últimas duas horas haviam desaparecido súbitamente, como em obediência a uma ordem, deixando-me sozinho com Ambrus, meu intérprete. Eu nunca havia confiado nele.

No meio da escada, Ambrus perguntou-me onde eu ia jantar e eu disse que não sabia. Ambrus me disse que havia um bom restaurante em Buda, com uma dançarina italiana. Desenhou curvas sugestivas com as mãos e riu grosseiramente, e para o meu espírito superalertado isso pareceu uma tentativa desajeitada de distrair-me. Mas não fugi. Na verdade, não havia para onde fugir. Via os meus reboques a cem metros de distância, debaixo das árvores, e sabia que jamais poderia chegar lá.

Eram belos reboques, feitos de acordo com projetos meus para exposições comerciais. Havia entre eles um veículo motorizado e um reboque, cada um com dois compartimentos para exibir ferramentas e maquinaria. Essa era a sua finalidade oficial. A finalidade não oficial era dar-me um último pretexto para ir à União Soviética e ver a pessoa com quem eu tivera estreitas relações durante seis anos—Oleg Pen-

kovsky. Um dos reboques tinha um espaço secreto suficiente para comportar um homem deitado e, se fosse possível, eu deveria levá-lo clandestinamente para o Ocidente. Londres (refiro-me às pessoas para quem eu trabalhava) estava muito ansiosa por salvar Penkovsky.

A recepção começara às cinco horas. Tinha havido muita bebida e compridas mesas cheias de gostosos salgadinhos. Entre os brindes e cumprimentos, apresentei os representantes dos industriais ingleses aos delegados das casas comerciais húngaras e levávamos os húngaros em grupos de dois e três para verem os artigos expostos nos reboques. Voltávamos e bebíamos. Os húngaros são bons bebedores.

Era uma reunião importante porque, se tivesse êxito em Budapeste, teria dado um passo para uma exposição semelhante na União Soviética. Litros de bebida haviam desaparecido em nome da boa causa—então os convidados desapareceram e eu fiquei sozinho com Ambrus no meio das mesas juncadas de garrafas vazias.

Ao pé da escada do pavilhão, voltei-me para falar, mas Ambrus havia partido. Vi-o do outro lado da alamêda. Entre êle e mim quatro homens haviam aparecido como por encanto. Eram todos baixos e truncados e usavam chapéus de feltro no mesmo ângulo.

—Sr. Vin?—perguntou um deles calmamente, estropiando-me o nome.

—Sim, êsse é o meu nome—respondi.



E então, consciente do perigo, gritei, chamando Ambrus.

—Está tudo certo. Eles falam inglês bem—respondeu êle, e afastou-se.

Um carro havia parado junto a nós. Derrubaram-me e agarraram-me os braços. Abriram a porta de trás do carro e jogaram-me lá para dentro. Caindo de cabeça para a frente, agarrei a maçaneta do outro lado, abri a porta e gritei para o meu motorista, Charles, que estava de pé ao lado dos reboques. Haviam-me ensinado que, quando uma coisa daquelas acontecesse, eu devia a todo custo fazer alguém saber do fato. Um segundo antes que a porta fôsse batida de encontro à minha cabeça, vi Charles virar-se, acenar e começar

a correr para onde estava o carro. Levei então um forte pontapé nos rins e alguma coisa metálica me bateu nas têmporas.

### Prisioneiro dos Russos

ISSO ACONTECEU por volta das 19 horas do dia 2 de novembro de 1962.

Quando voltei a mim, estava jogado no chão do carro em movimento, com as mãos algemadas para trás, os pés nas costas e o rosto todo ensangüentado. Paramos e eu fui tirado em estado de semiconsciência e arrastado através dos portões de uma prisão. Atordoado, vi que me haviam arrancado as lapelas do paletó (é nas lapelas que os agentes escondem veneno). Numa sala imunda, um homem à paisana, esparramado

diante de uma mesa imunda, escarafunchava o nariz.

—Então é o Sr. Vin?

—Sou.

—Por que nos veio espionar?

—Não sei de que está falando.

—Ah!

Era um homem sujo, com a barba crescida, e parecia que havia uma semana não se deitava numa cama. Encarou-me durante um longo minuto. Depois deu uma ordem em russo e me tiraram tôdas as roupas do corpo. Com uma lanterna elétrica e uma sonda de metal, examinaram-me todos os orifícios do corpo. Não foram nada delicados.

Foi êsse o início do longo esforço que fizeram para degradar-me. Foi também o momento em que comecei a desprezá-los. Desprezei-os por terem tido a audácia de pensar que poderiam degradar-me e também porque eram tão desmazelados e sujos.

Mais do que o treino que recebera, mais do que o meu patriotismo, foi êsse furor de desprezo que no fim me salvou. Dia e noite, durante os 18 meses seguintes, eu iria contrair tamanho ódio àquelas caricaturas da humanidade—àqueles homens que impunham a sua vontade ao povo da União Soviética—que, embora eu fôsse prisioneiro dêles, o poder que tinham sôbre mim foi totalmente destruído.

Disseram que me vestisse, depois levaram-me para uma cela, sem comida. Devo ter dormido, porque a noite passou muito depressa, mas a

minha impressão era de que tinha ficado terrivelmente acordado. O sangue na cabeça e no rosto tinha secado, mas eu não tinha com que limpá-lo senão a minha saliva e o lenço. Minha cabeça latejava. Fiquei pensando que a qualquer momento a porta se abriria e eu seria salvo pelo embaixador inglês. Charles devia ter falado com alguém.

Conheço um homem que trabalhava com uma serra de fita. Um dia descuidou-se e no momento seguinte a mão dêle, decepada, estava caída sôbre a serragem a seus pés. Disse êle que ficou um minuto no mínimo a olhá-la apenas. Via a mão, a sua própria mão, caída ali, imóvel, e parecia-lhe completamente impossível que aquilo tivesse realmente acontecido.

Foi assim que me senti naquela noite diante do fato de ser prisioneiro dos russos.

Na manhã seguinte, fui levado para Moscou num avião militar soviético. Disse a mim mesmo que o embaixador inglês estaria à espera no aeroporto de Moscou. Não estava. Em vez disso, vi uma fila de soldados armados, alguns ferozes cães alsacianos e um carro de transporte de presos. A imagem do embaixador inglês se me desvaneceu do espírito como um desenho de criança apagado de uma lousa. Eu sabia muito bem o que acontecia a agentes capturados pelos russos. O meu treinamento tinha sido completo e explícito.

Quando me fizeram transpor os portões de uma prisão construída na en-

costa de um morro, eu sabia onde me encontrava. Lubyanka! A mais famosa prisão da U.R.S.S. Muitas vezes, andando com Penkovsky por Moscou, tinha visto de fora aquêles muros sinistros. Agora via-os de dentro.

A minha cela tinha uma cama de ferro—tão pesada que era impossível movê-la—uma janelinha no alto e um radiador tépido. Deixaram-me ficar ali durante uma hora e então levaram-me para uma sala de interrogatório. Fui inquirido por um general, um tenente-coronel e um intérprete. Fomos perfeita e recíprocamente polidos. O general disse que sabia de tudo a meu respeito e que se tratava apenas de eu assinar uma confissão. Disse-lhe que não sabia do que êle estava falando. Repetimos várias vezes essas simples afirmações. Fui levado então para outra sala e minha bagagem, trazida de Budapeste, foi despejada em cima de uma mesa, havendo muitas perguntas a respeito dos meus objetos de toalete (diferentes dos usados na Rússia). Um cabo fêz uma solene relação de tudo, e os objetos foram levados.

De volta à minha cela, deram-me comida pela primeira vez em 24 horas: uma caneca de chá fraco, sem leite, uma tigela de sopa rala e pão prêto. Fiz tudo isso durar o mais possível, dando uma atenção deliberada e lenta a todos os momentos da mastigação, a todo o ato de engolir. Sabia que tinha diante de mim intermináveis horas vazias. Era preciso enchê-las e isso só seria possível com os meus próprios recursos.

Quando a última migalha e a última gôta desapareceram, sentei-me na cama e fiquei escutando. O guarda passava regularmente, mas eu não podia ouvir os passos porque o corredor era atapetado e o homem calçava chinelos macios. Ouvia apenas o estalo do ôlho mágico da minha porta—como o tique-taque de um monstruoso relógio cujo pêndulo só se balançasse de dois em dois minutos. O mecanismo de lêsma dêsse relógio registrava, em vez de segundos e minutos, os meses e os anos. Londres tinha-me avisado que estivesse preparado para cinco anos de prisão. Era-me impossível imaginar tamanho espaço de tempo.

Comecei a dizer muito devagar as letras do alfabeto. Era importante manter o espírito ocupado a fim de que não se desgarrasse para temas perigosos, para coisas tão terríveis que a insistência nelas produzisse desespero e loucura. Depois comecei a recordar enredos de filmes. Mas, por trás de todos os meus pensamentos, pairava o espectro de uma figura única, o homem mais valente que eu já conhecera—grande russo e grande patriota. Oleg Penkovsky, coronel do Exército Vermelho, membro antigo do Partido Comunista, com um alto cargo no Serviço Secreto Militar Soviético, foi talvez o mais precioso agente que já ajudou o Ocidente. Por onde andaria êle?

### O Russo Solitário

COMO NÃO se trata de um conto de mistério, direi desde já que Oleg

Penkovsky foi o homem que, por ser um grande patriota, por amar o povo russo e odiar os seus dirigentes, reuniu um grande arquivo com os mais importantes segredos soviéticos de natureza militar, econômica e política, na esperança de que a sua revelação desse às potências ocidentais meios de refrear e até derrubar o regime tirânico que dominava a sua pátria. Sem essa informação, o Presidente Kennedy não poderia ter agido com o Primeiro-Ministro Khrushchev como fez durante a crise cubana. Eu fui o agente, escolhido e preparado pelo Serviço Secreto Inglês, que primeiro estabeleceu contato com Penkovsky, que tomou providências para que êle levasse os seus segredos para Londres, que durante 18 meses foi seu cúmplice em Moscou, na Inglaterra e em Paris, que se tornou—e o proclamo com orgulho—seu amigo.

Oleg ou "Alex", como êle gostava de que eu o chamasse, era um grande companheiro, que gostava de viver bem, andava sempre bem vestido (coisa rara na União Soviética) e era fisicamente muito forte. Os seus olhos, claros e fundos, fascinavam as mulheres. Tinha costas retas e andar rápido, mantendo-se sempre em perfeita forma física. "Não, Greville, andar de táxi não é bom para você. Vamos a pé."

Têm-me perguntado muitas vezes: "Mas Penkovsky nasceu na Rússia. Não foi, portanto, um traidor?"

A resposta que dou é esta: "Vivemos numa sociedade livre; os nossos

governos, que temos o poder de destituir, entram e saem. Revelar os nossos segredos seria trair a liberdade que nos é natural. Mas, e se o nosso govêrno fôsse dominado por um bando de criminosos que, uma vez no poder, nunca pudesse ser constitucionalmente expulso? Suponhamos que levantar a voz contra o govêrno desse como resultado prisão perpétua ou morte. Suponhamos que em vez de eleições livres tivéssemos uma polícia secreta. Seria alguém capaz de dizer que trabalhar contra um govêrno assim era um ato de traição?"

Penkovsky achava que não e eu concordo com êle.

Durante anos êle trabalhou sozinho, sem poder associar qualquer pessoa aos seus planos. E desde o momento em que chamou pela primeira vez a atenção do Serviço Secreto Inglês até que eu pude entrar em contato com êle, passaram-se mais de cinco anos. Foi um caso de paciência e previsão em alto grau. E foi assim que aconteceu.

NO VERÃO de 1955, o Coronel Oleg Penkovsky era assistente do adido militar soviético em Ancara, na Turquia. Era além disso alto funcionário do Diretório Central do Serviço Secreto do Exército Vermelho, o GRU.

A vida social em Ancara era feita de encomenda para Penkovsky. Tinha uma mulher bonita e era bem recebido no círculo estreito das atividades soviéticas. O trabalho oficial

não era pesado e as noites eram cheias de festas e recepções. Era uma vida alegre e um tanto exaustiva a que o Coronel Penkovsky reagia de maneira rigorosamente contrária às normas soviéticas. Adquiriu o hábito de sair sozinho para dar um passeio pela cidade ou para tomar um copo de vinho num dos cafés de calçada. Se um funcionário inferior assim procedesse, estaria em dificuldades. A regra era que o pessoal soviético se mantivesse no seu próprio meio. Mas Penkovsky tinha posição suficiente para infringir as regras.

Um agente do Serviço Secreto Inglês viu o coronel soviético sentado sozinho; viu o copo fazer uma pausa entre a mesa e os lábios; notou, não uma vez apenas, mas em muitas noites, a expressão distante . . . e comunicou tudo a Londres. E Londres, sensível às menores singularidades de comportamento, começou a refletir.

Talvez não significasse coisa alguma. Um homem tinha decerto liberdade de beber alguma coisa sozinho, embora essa liberdade não fôsse tanta para um oficial soviético. Mas por que tão freqüentemente? Por que sem companhia? E por que a expressão distante? Não podia sugerir alguma inquietação? Uma insatisfação? Uma intenção, talvez?

O ponto de partida era mínimo, mas foi o suficiente. Dessa semente de observação nasceu o maior ato de previsão da história da espionagem: Londres decidiu que se Penkovsky algum dia quisesse dar informação—por mais que isso demorasse

e onde quer que ocorresse—encontraria por perto alguém a quem pudesse naturalmente recorrer sem suspeitas para obter ajuda e cooperação.

Havia necessidade de muita delicadeza, pois era impossível uma aproximação direta. O Coronel Penkovsky foi chamado de volta para Moscou, onde ingressou no 4.º Diretório do Serviço Secreto Militar. Os relatórios dos nossos agentes mostravam que o seu padrão de comportamento ainda era o mesmo e que o problema consistia em colocar o homem certo na ocasião exata na própria Moscou.

Nenhum agente regular britânico na União Soviética estava em condições de empreender a tarefa. Era preciso alguma pessoa nova, alguém que pudesse viajar pelo país com uma ocupação justificável, sem despertar suspeitas, que pudesse ser encaminhado a Penkovsky no momento oportuno e que não soubesse até ao último instante qual era a sua verdadeira missão—uma vez que é mais fácil manter um procedimento perfeitamente natural ignorando do que representando.

O melhor seria evidentemente um homem de negócio, de preferência alguém que já tivesse viajado muito, de modo que a sua entrada na União Soviética parecesse natural. Havia muitos homens nessas condições, mas não tinham sido preparados para o Serviço Secreto e nenhum programa intensivo poderia dar a um homem o que lhe seria mais necessário numa situação crítica—experiência.

De modo que Londres queria alguém que já houvesse trabalhado para o serviço, que tivesse dado prova do seu valor como agente e que, naquela ocasião, 10 anos depois da guerra, estivesse estabelecido em algum ramo aceitável do comércio internacional.

Fui eu o homem escolhido.

É importante que os leitores conheçam os meus antecedentes. Trabalhei no Serviço Secreto durante a Segunda Guerra Mundial. Depois disso passei a negociar com material elétrico, fazendo viagens ao Extremo Oriente, à Índia e através da Europa. Casei-me com Sheila, tive um filho chamado Andrew e comprei uma casa no bairro de Chelsea, em Londres. E então, em fins de 1955, depois de haver passado 10 anos na vida civil, quando já não esperava notícias dos meus antigos amigos do Serviço Secreto—homens cujos nomes de batismo eram falsos e cujos sobrenomes eu nunca soubera—o telefone tocou e uma voz disse: “É James quem fala. Lembra-se?” E acrescentou o endereço do lugar onde eu fôra treinado.

Encontramo-nos para almoçar, e, embora James me perguntasse o que eu estava fazendo, tive certeza de que êle sabia, porque, quando mencionei o Extremo Oriente, êle disse:

—A Índia também, se não estou enganado.

E, depois que tomamos café, perguntou:

—Por que não variar um pouco em seu itinerário?

—Aonde acha que poderia ir?

—Ora, os negócios estão muito ativos na Europa Oriental—disse James, chamando o garçom.

Foram essas apenas as instruções. Eu sabia que me estavam oferecendo uma missão, mas não fazia a menor idéia de quando e onde seria cumprida. Se eu quisesse recusar, poderia dizer que a Europa Oriental não me interessava. Ficando calado, aceitei.

### Trabalhando no Escuro

COMECEI pela Polônia. As visitas comerciais exigem providências demoradas e só no comêço do ano seguinte fui pela primeira vez a Varsóvia. De volta a Londres, James me disse:

—Ótimo, Greville. Continue. E não tenha receio de desviar-se.

Fui assim a outras capitais dos Balcãs: Budapeste, Bucareste, Sófia e Belgrado, e sempre tratei exclusivamente de negócios. Várias vêzes fui abordado nessas cidades por homens que me perguntavam, muito discretamente, se eu estava interessado em fazer algum trabalho “especial” para êles, mas eu recusava sistematicamente. Sabia que, fôsse o que fôsse que Londres me reservava, o meu único dever no momento era estabelecer relações comerciais genuínas e dignas de confiança.

—Isso mesmo, Greville. Continue.

Em 1957, na Feira de Comércio Britânica, em Hélsinqui, resolvi pedir visto para a União Soviética. Consegui-o sem dificuldade e fui a Moscou para investigar as perspectivas

de negócios. Percebi logo que a Rússia Soviética estava atrasada algumas dezenas de anos em relação ao Ocidente em matéria de normas comerciais. Eu pretendia introduzir ali alguns produtos ingleses, tais como equipamento de mineração, material eletrônico, maquinaria de curtume e máquinas-ferramentas. Parecia impossível abrir caminho através da floresta impenetrável de subsecretários e funcionários subalternos a quem fui apresentado. Queixei-me ao Ministério do Comércio Exterior soviético. Nada aconteceu. Os soviéticos mostram-se ansiosos por informações técnicas, mas são extremamente desconfiados daqueles que as oferecem.

Estão também espantosamente atrasados no que concerne aos confortos da vida moderna. Seus elevadores antiquados, seus restaurantes sórdidos, seus reduzidos estoques de todos os artigos de consumo, raros postos de gasolina (às vezes a 300 quilômetros de distância um do outro), táxis decrepitos e roupas desleiantes—tudo isso indica que a economia soviética está engrenada para dois objetivos principais—progresso científico e poderio militar—do mesmo modo que a estrutura política está engrenada para um único objetivo—a continuação do regime comunista. Há pouco tempo e dinheiro para confortos.

Quando iniciei as minhas investigações comerciais, deparei com uma mistura de desconfiança oriental e ignorância primitiva. Durante os

anos de 1958 e 1959, estive todo o tempo viajando de um lado para outro, entre Moscou, as capitais da Europa Oriental e Londres, tentando sem resultado criar um mercado para os produtos britânicos na União Soviética.

—Bem, James—disse eu, fazendo um relatório—parece que não estou obtendo muito progresso.

—Está indo õtivamente, Greville. Continue assim.

Em princípios de novembro de 1960, James fêz a sua primeira sugestão realmente concreta.

—Há em Moscou uma organização chamada Comitê Técnico-Científico. Seria conveniente se pudesse travar relações com essa gente.

Voltei a Moscou e tratei de conseguir uma audiência, dizendo que tinha em mente dessa vez um plano mais eficiente para incrementar o comércio anglo-soviético. Compareci ao número 11 da Rua Gorki, um prédio imponente perto da Praça Vermelha. Fui recebido por Bodenikov, um dos elementos principais do Comitê, numa sala grande e triste, onde havia uma mesa coberta de baeta verde. Os russos adoram baeta verde. Usam-na por tãda a parte como um símbolo de eficiência comercial.

Bodenikov apresentou-me a seis outros homens, cujos nomes guardei na memória. Externei as minhas queixas sãbre a falta de progresso nas negociações e propus que, em lugar de tentar fazer negócio por meio de brochuras e catálogos, eu obtivesse

permissão para levar a Moscou uma delegação de técnicos especialistas das oito companhias principais que eu representava. Moscou forneceria, do seu lado, pessoal soviético do mesmo nível. Seria possível então realizar discussões diretas sem passar pelos canais administrativos normais.

Bodenikov se mostrou satisfeito. Saiu da sala e voltou com uma robusta mulher que trazia café e vodca. Não houve mais cerimônias em torno da mesa de baeta verde e eu pude estudar o grupo. Bodenikov era baixo e gordo. Parecia ter dormido vestido e tinha cabelos desgrehnados e unhas sujas. O rude rosto vermelho estava coberto de cravos e tinha a barba grande. Quase todos os outros homens eram do mesmo estilo, mas havia um que parecia diferente. Tinha o corpo ereto e não se agitava nem ficava em posição relaxada. Permanecia sentado sem se mover, com as mãos brancas de unhas bem tratadas pousadas no pano da mesa. O terno que vestia era imaculado. A luz do Sol, coando-se pelas vidraças sujas, destacava seus luzidios cabelos avermelhados e os olhos profundos. O nariz tinha uma base ampla e a bôca era cheia e forte. O rosto era vigoroso e inteligente. Chamava-se Oleg Penkovský.

Quando a reunião foi encerrada, Bodenikov disse que encaminharia o caso ao Comitê. Dois dias depois voltei à mesma sala para encontrar-me com dois homens importantes do Comitê: Levin e Gvishiani. Levin era o vice-presidente. Gvishiani era

o presidente e tinha acesso direto a Khrushchev. Estavam todos sorridentes. A minha delegação fôra aprovada. Trouxeram vodca e fizemos brindes: "Ao comércio soviético!" "Ao comércio inglês!" "Ao comércio anglo-soviético!" "À delegação!"

De volta a Londres, fui exaustivamente interrogado a respeito do Comitê. Quem estava presente? Como se chamavam? Que aparência tinham? Uma pilha de fotografias foi colocada em cima da mesa. Alguns reconheci, outros não. Quem é êste? E êste? E êste?

—Êste é o Coronel Penkovsky.

—Quem é êste, mesmo?

—Oleg Penkovsky.

Apontaram-me a fotografia:

—Êsse é o homem, Greville.

### Primeiro Contato

COMPREENDI então a extraordinária previsão que me mantivera preparado durante os anos de espera. Tomei providências às pressas com as firmas inglesas para que as suas delegações fôsem a Moscou. Ali cheguei cinco dias antes delas—e fiquei sabendo que o homem escolhido para tratar da recepção era o Coronel Penkovsky.

As instruções que eu recebera eram simples. Não devia tomar a iniciativa, nem dar qualquer indicação de que esperava alguma coisa de Penkovsky. E na verdade podia não haver nada a esperar. Mas, desde os primeiros momentos de convivência, tive a impressão de que Londres

tinha razão. Notei que, quando havia outras pessoas presentes às nossas discussões, Penkovsky se mostrava reservado e convencional, mas, quando estávamos sòzinhos, parecia descontrair-se. Fazia-me perguntas a respeito da minha vida na Inglaterra, de minha casa, do meu meio—perguntas delicadas e amistosas. Os seus olhos pareciam às vêzes encarar-me de uma maneira muito direta. Parecia—ou seria engano meu?—estar fazendo uma análise lenta e cuidadosa.

Tínhamos um pelo outro uma simpatia instintiva, mas isso constituía por si mesmo uma barreira para êle. Elemento importante do GRU, êle fôra preparado para suspeitar da compreensão. Disse-me mais tarde que estivera muitas vêzes a pique de falar, mas não tivera coragem. Na minha última noite em Moscou, êle me levou a um espetáculo de balé e, depois, a um café, onde chegou à conclusão de que já era tempo de eu o chamar "Alex".

—Viva, Alex—disse eu.—Espero que nos vejamos de nôvo.

—É uma coisa que também desejo muito.

—Em Londres, talvez. Já estêve lá alguma vez?

Sugeri então que êle levasse a Londres uma delegação de técnicos soviéticos.

—Seria possível, sim. É uma ótima idéia.

—Converse então sôbre isso com seu pessoal.

Êle hesitou:

—Não, Greville. Seria melhor que a sugestão partisse de você. Quer fazer isso?

Concordei, notando que, embora estivéssemos falando em voz baixa, êle levava a mão ou o copo à frente da boca quando tinha de dizer alguma coisa importante. Faz parte do treinamento de um agente não dar oportunidade, especialmente num bar ou restaurante, para que uma conversa particular seja percebida pela leitura dos lábios. Um perito em leitura labial pode saber o que se está dizendo a várias mesas de distância.

—Já me falaram de Londres—disse êle com um tom intencional.

Umedeceu o lábio inferior e levantou a vista para mim. Mas a expressão dêle de repente se modificou. Tinha havido um grupo de quatro homens na mesa vizinha, mas no momento só um dêles ainda estava lá. Tinha os olhos fechados e estava sentado sossegadamente, com os braços cruzados. Não havia prova alguma, mas o risco era suficiente. Nossa conversa terminou.

Foi só em abril de 1961 que eu consegui afinal romper caminho até êle. Eu estava de nôvo em Moscou a fim de combinar as providências para a viagem da delegação soviética a Londres. Alex foi tão cordial quanto da outra vez, mas ainda da mesma forma hesitante. Quando me apresentou uma lista dos delegados escolhidos, fiz objeções:

—Mas êstes não são técnicos. São apenas funcionários subalternos.

Estávamos caminhando pela Praça Vermelha e a neve nos fustigava o rosto.

—Mas eu irei como chefe da delegação, Greville.

Eu disse que isso não bastava e ameacei de fazer uma reclamação junto ao Comitê.

—Não, Greville, você não deve fazer uma coisa dessas. O resultado seria o cancelamento da delegação.

Vi que era aquela a minha oportunidade.

—Desculpe, Alex, mas tenho de insistir. Gostaria muito de mostrar-lhe Londres, mas não quero que isso ponha a perder tôda a finalidade da visita. As minhas companhias querem técnicos.

Ele juntou as mãos e exclamou:

—Mas o importante não é a delegação. *Eu* é que tenho de ir a Londres e não é para me divertir. Tenho coisas para dizer-lhe, tantas coisas! Tenho de ir, *preciso* ir!

Por entre os torvelinhos de neve, onde nem os soviéticos poderiam suspender um microfone, êle me disse, rápido e ofegante, tudo o que eu precisava saber. Naquela noite entregou-me no hotel um envelope comprido e volumoso. Havia nêle um dossiê completo sôbre êle e um filme de documentos e papéis militares soviéticos que, na minha opinião, deixariam Londres convencida dez vêzes mais do que seria necessário.

Estava de enregelar no aeroporto na manhã seguinte. Fazia tanto frio que os dois oficiais fardados, em vez

de ficarem de pé junto à escada, tomaram posição dentro do próprio avião. Só havia mais três outros passageiros. Com o envelope debaixo do sobretudo, apresentei a minha passagem e fui convidado com um gesto a procurar um lugar. Dirigi-me sem demora para o fundo do avião, tanto quanto me pareceu prudente, e escondi o envelope debaixo de algumas mantas na rêde de bagagem, sentando-me depois alguns lugares mais à frente.

Da janela, avistei Alex na pista. Tudo estava pronto para a partida, mas o avião continuava parado. Apareceu um jipe e alguns oficiais desembarcaram. Três dêles chegaram à porta do avião. Houve conversas em voz baixa com a tripulação e idas e vindas pela pista. Vinte minutos . . . meia hora. Não me atrevia a parecer muito atento. Olhei para o meu jornal e esperei—pensei no envelope e esperei. Por fim, com 35 minutos de atraso, levantamos vôo.

Quando o avião se afastou através da pista, vi a empertigada figura de Alex envôlta no seu amplo sobretudo. Deu-me adeus com as duas mãos, como para apagar os momentos de calafrio que havíamos passado juntos.

### Começam os Interrogatórios

DURANTE a minha primeira noite na prisão, tive de preparar-me para o mais perigoso jôgo de agudeza mental que já havia enfrentado. Na manhã seguinte, os homens que me haviam aprisionado começaram a interrogar-me a sério. Ao lado do

general, à grande mesa, está sentado um tenente-coronel. Ao meu lado está um intérprete. Estamos os dois diante de uma mesinha com um microfone, e eu sei que tôdas as minhas palavras serão gravadas.

—Quanto ganhava pelas suas atividades de espionagem?—grita o general e o intérprete traduz.

—Não sou espião. Sou um homem de negócio.

—Está em nossas mãos. Não poderá fugir. Poderemos fuzilá-lo se quisermos.

—Sei perfeitamente disso.

—Ganharemos tempo, portanto, se nos disser a verdade. Sabemos tudo a seu respeito.

—Neste caso, pergunto, com a devida permissão, que adianta eu dizer o que já sabem?

Faço a pergunta, mas penso: *Pare de se coçar, verme sujo. As suas unhas estão sujas. E não adianta limpar as unhas nas calças porque elas estão sujas também.*

É preciso esclarecer que quem assim pensava era minha cabeça e não meu estômago. O estômago—dominado pelo temor—tem medo. Estou acuado como uma criança entre gorilas. Se eu deixar meu estômago comandar, perderei. Para ganhar, tenho de organizar um padrão de procedimento. Quando estiver sozinho em minha cela, tratarei de limpá-la e, quando estiver com os gorilas, reagirei.

Londres me avisara muitas vezes a respeito das primeiras 48 horas. No fim, terei de confessar certas coisas,

mas é importante que eu determine o que deverá ser confessado e quando. O general deve acreditar que está extraindo lentamente de mim tudo o que eu tenho para dizer. Algumas coisas êle nunca saberá, mas terá de acreditar que sabe de tudo. Para conseguir êsse resultado, haverá necessidade de um planejamento muito sutil. Assim, por enquanto, atordoado com a minha prisão e sujeito a cometer algum êrro, devo evitar qualquer afirmação positiva sobre qualquer coisa.

Dou apenas as linhas gerais do interrogatório porque o general se repetia, e em cada caso eu lhe dava a mesma resposta. Às vêzes êle gritava, respirava profundamente em outras, como se quisesse acalmar-se, e em algumas ocasiões tinha longas confabulações com o tenente-coronel.

—O senhor recebeu material do traidor Penkovsky—grita o general. —Disso nós sabemos. Está registrado nos nossos filmes.

Declaro-me pronto a ver os filmes a fim de explicar qualquer coisa que nêles possa aparecer, e o general vocifera por entre os dentes:

—Não me diga o que devo fazer! A sua insolência só poderá provocar punição.

O interrogatório termina com uma advertência:

—Bem, Sr. Vin, nós não começamos muito bem. Mas não faz mal. Temos tempo de sobra. Podemos tirar-lhe a comida para que fique fraco e não se sinta tão arrogante.

Podemos tirar-lhe o sono. E muitas outras coisas. Ficaré prêso na solitária até que faça uma confissão completa por escrito. E, apenas para começar, ficará sem cigarros durante uma semana.

Meu estômago enche-se de medo, mas respondo:

—Tudo isso é ridículo. Quero falar com o embaixador inglês.

O silêncio é a resposta que recebo, eloqüente e completa.

Levam-me de nôvo para a minha cela e começo a limpá-la. Trouxe pedaços do *Pravda* do lavatório, molho-os numa vasilha e esfrego o chão e os "móveis" com devoção fanática. O problema do frio é mais difícil. Meu uniforme de prisão consiste apenas em roupa de baixo, um macacão sujo e botas de lona sem cordões nem meias. O radiador é apenas tépido e estamos em novembro, no inverno mais frio que a Europa já teve há anos. Tremo sem parar.

Todos os dias, depois de uma hora de exercício num pequeno cercado no terraço (para isso deixam-me vestir um velho sobretudo), volto para a minha cela. Gostaria de aprender um pouco de russo, mas isso não é permitido. Tenho um pequeno dicionário inglês de bolso e um lápis. Na página em branco do fim, começo a fazer um calendário, marcando cada dia com uma cruz. Dá-me às vezes uma vontade louca de fazer várias cruces ao mesmo tempo, como se isso fizesse o tempo passar mais depressa, mas resisto.

O pior da solidão é o começo. Pensamentos estranhos ocorrem e o meu senso dos valôres começa a vacilar. Preocupo-me com a côr das paredes—um verde-azulado que me irrita. Depois de dias de trabalho, limpo tôdas as partículas de sujeira. Esfrego tanto que o verde-azulado adquire um aspecto manchado, mas a parede está limpa e isso me dá um sentimento de vitória.

Não vejo nos impassíveis rostos eslavos dos meus guardas qualquer indício de contato humano, mas um dia a porta se abre e uma môça gorda me dá uma xícara de chá e, dois dias depois, um pouco de carne extra. Um dos homens pega a idéia e me dá também comida e cigarros às escondidas. "Não são maus, mas estão mal orientados." Quantas vezes ouvi Penkovsky dizer isso sôbre o povo soviético? Só os dirigentes é que são maus.

Sou interrogado tôdas as manhãs e às vezes à tarde. O tenente-coronel assume a direção. Fala monòtonamente durante horas de como está a par das minhas atividades e dos motivos pelos quais eu devia ser sensato e cooperar. Continuo a repetir que não sei de nada. Depois de passar uma semana assim, sou levado a outro andar e até à porta de uma cela. O tenente-coronel dá uma ordem, um guarda me tapa a bôca com a mão e faz correr a cobertura do olho mágico. O tenente-coronel diz então:

—Olhe, Sr. Vin, e diga-me se reconhece êsse homem.

*-Você pode  
confiar nos  
produtos*

ANUNCIADOS EM

**Seleções**

do Reader's Digest

ANUNCIADOS EM

**Seleções**

do Reader's Digest

ANUNCIADOS EM

**Seleções**

do Reader's Digest

Olho pela abertura e vejo Penkovsky sentado na cama de ferro. Não, Penkovsky não, o que sobrou de Penkovsky. O rosto está magro e escondido pela barba crescida e esparsa. Está imóvel, de cabeça baixa, como um touro depois de enfraquecido pelo primeiro ferimento infligido pelo picador e a fôrça rubra do seu sangue se lhe esvai pelas espáduas. Esgotaram a fôrça de Penkovsky por meio da fome e da falta de sono. Sinto-me nauseado e gostaria de que êle fizesse algum movimento, mas isso não acontece.

Sou levado de nôvo à sala de interrogatório e o tenente-coronel diz por intermédio do intérprete:

—Muito bem, Sr. Vin, já viu o traidor Penkovsky e deve agora compreender que êle nos disse tudo. Que adianta, portanto, mostrar-se tão obstinado?

—Tenho certeza de que êle lhe disse a verdade, e a verdade, como êle sabe muito bem, é que só estive na União Soviética na qualidade de homem de negócio e em nenhuma outra.

—E que diz dos embrulhos e das cartas?—diz êle, sorrindo como uma serpente.—Temos filmes que o mostram recebendo embrulhos. Não cometa a loucura de negar isso.

Tenho de pensar com rapidez. A orientação, segundo me foi repetido durante o treinamento, é jamais negar aquilo de que os interrogadores têm plena certeza. Essas negações destroem a ilusão de que estão extraíndo a verdade pouco a pouco. O

que foi combinado foi que, se Alex e eu fôssemos presos, diríamos o que soubéssemos que era conhecido, mas nos apegaríamos firmemente à afirmação de que eu era um homem de negócio e nada mais. Como tenho certeza de que foi isso que êle sustentou, seja o que fôr que tenham feito com êle, respondo:

—É verdade que levei algumas coisas para entregar em Londres e em Paris. Disseram-me que se tratava apenas de cartas comerciais ou de presentes que chegariam mais depressa ao seu destino se eu os levasse. Não faço idéia do conteúdo.

O tenente-coronel insiste em que eu lhe diga alguns dos nomes e endereços das cartas. Digo-lhe que não me lembro e depois de êle insistir durante uma hora em dizer que um espião bem treinado devia lembrar-se, sou levado de volta para a minha cela.

Já estou na Lubyanka há seis semanas e, além de confessar alguns fatos que não me poderiam condenar como espião nem mesmo num tribunal soviético, continuo a negar tudo.

### Que Foi que Alex Confessou?

DURANTE cinco dias deixam-me só, sem interrogatórios. São os meus piores dias até agora. Não ter nada senão a mim mesmo, sem imagens que não a minha e sem as palavras do tenente-coronel para interromper-me os pensamentos. Os russos fizeram isso deliberadamente e por isso os odeio.



## Crescinco fará o futuro doutorzinho

Assegure o futuro de seu filho confiando suas economias a Crescinco. Você estará aplicando com sabedoria, sem arriscar os frutos de seu trabalho, pois Crescinco sempre oferece o máximo de rendimento consoante com o máximo de segurança. Procure-nos para escolher conosco o investimento que mais lhe convém: Fundo Crescinco, Letras de Câmbio ao portador, Obrigações Reajustáveis do Tesouro etc. Se o futuro doutorzinho pudesse opinar, certamente aprovaria sua iniciativa. **Crescinco** - a maior organização do gênero na América Latina, com representantes em mais de 80 cidades em todo o Brasil. Veja nas listas telefônicas.

### **CRESCINCO** - Depto. A-42

R. Direita, 250 - 26.º and. - C. Postal 8245-S. Paulo - SP.  
Desejo receber, sem compromisso, informações sobre os bons negócios Crescinco.

Nome: .....

Profissão: .....

Enderêço: .....

Cidade: ..... Estado: .....

Cia. Empreendimentos, Administração e Investimentos  
IBEC - Capital e Reservas: NCr\$ 678.064,14 - Carta de  
Autorização do Bco. Central do Brasil n.º 116 - C.G.C.  
60.872.991

Fev/67

No sexto dia, o meu estado de ânimo é mesquinho e eu resolvo proceder de maneira desagradável. O tenente-coronel também está mesquinho nesta manhã e se mostra desagradável antes de mim. Logo que entro na sala de interrogatórios e puxo um maço de cigarros, êle me toma os cigarros e brada:

—Não vai fumar! Isto não é mais uma reunião social!

Mas as minhas respostas são ainda as mesmas e êle diz:

—Vai voltar para a sua cela e receber papel. Vai escrever para nós uma confissão completa e exata e não sairá da sua cela enquanto não tiver feito isso.

Deixo de fazer exercício e a comida piora. Fico na minha cela e aproveito o papel que me levaram para começar a projetar uma cozinha magnífica para a minha casa em Chelsea, completa até aos últimos aparelhos eletrodomésticos e todo um diagrama de instalação elétrica. Vejo no calendário do dicionário que é Véspera de Natal. Escrevo para mim mesmo alguns cartões de Natal e espalho-os pela cela, fingindo que são de Sheila, de Andrew e dos amigos. No Dia de Natal, um guarda os vê e leva tudo. É um breve Feliz Natal.

Durante três semanas esperam que eu inicie a minha confissão. A essa altura, já terminei a cozinha e umas duas dúzias de modelos de carros de luxo. A paciência soviética se esgota, os meus desenhos são varridos e levam-me para uma sala de interroga-

tório maior, repleta de generais e civis, provavelmente do KGB, o Comitê de Segurança do Govêrno. Estão sentados ao longo das paredes, e, encolhida numa cadeira ao fundo da sala, está a figura encurvada de Penkovsky. Êle está de costas para mim, mas quando ouve o arrastar de pés, à minha entrada, vira-se, levanta-se de um salto e exclama:

—Greville! Oh, Greville . . . sinto muito!

Deduzo pela sua exclamação de dolorosa surprêsa e pela expressão da sua fisionomia, que não lhe falaram da minha prisão. O aspecto dêle é terrível, quase um fantasma. Vejo-lhe apenas por um momento os olhos encovados e arregalados, porque os guardas o seguram e o fazem sentar de nôvo, de costas para mim. É uma infelicidade, porque estou esperando um sinal de Alex. Êsse sinal foi imaginado por Londres para o caso de sermos capturados e acareados. Seria essencial para mim saber se Alex conseguiu manter a versão que me mostrava como um homem de negócio inocente ou em grande parte inocente. O sinal era, caso Alex estivesse sentado, esfregar a nuca com as duas mãos num gesto natural de cansaço. Mas o corpulento guarda está postado atrás de Alex e não há oportunidade para o sinal.

Começam as perguntas:

—Quanto deu em dinheiro ao traidor Penkovsky?

—Não lhe dei dinheiro.

—Quanto êle lhe deu?

—Nada.

—O prisioneiro Penkovsky declarou que amigos dêle em Londres deram 4 000 rublos para que êle mandasse artigos de luxo da União Soviética e que êle lhe deu parte dêsse dinheiro para comprar um presente para sua mulher.

Não é verdade. Alex pode ter tido algum motivo para dizer isso, mas não consigo atinar com êle. Ser pegado em pequenas mentiras tornará mais difícil para mim fazer passar as grandes mentiras. Em vista disso, digo:

—Levei presentes de tempos em tempos, mas não foram comprados com dinheiro de Penkovsky, porque êle nunca me deu dinheiro.

Confesso que levei embrulhos e presentes para Londres a pedido de Penkovsky, mas nego que soubesse o que havia nos volumes. Agora as perguntas estão ficando perigosas. Mais para Alex do que para mim. Se me perguntarem detalhes dêsses embrulhos e eu der respostas diferentes das de Alex...

Alex tenta uma diversão e faz uma pergunta ao interrogador.

—O prisioneiro Penkovsky pergunta se se recorda dos candelabros.

Disse que sim.

—Mas como sabia que eram candelabros? Disse que nunca soube o que havia nos embrulhos.

—Falei de uma maneira geral. Não é fácil embrulhar candelabros, e o papel de embrulho soviético não é da melhor qualidade, de modo que as pontas apareciam.

E as perguntas prosseguiram.

Quando? Onde? De que tamanho? Em que época do ano? Quantos? Quantas vêzes? E ainda não sei ao certo quanto êles conseguiram com Alex. Pode ser que êle tenha cedido.

O general dá de repente uma ordem e dois guardas vão para junto de Alex. O guarda que está entre nós abre a porta. Alex se levanta da cadeira. Não pode virar-se, mas leva as mãos à nuca, curva a cabeça como se sentisse alguma rigidez nos músculos e esfrega o pescoço. Fazem-no então sair e eu me sinto envergonhado de pensar que êle poderia ter sucumbido. Não dissera nada.

### Alex Vai a Londres

MENOS de dois anos antes, tinha sido muito diferente o estado de Alex. Sua vitalidade então era exuberante. Quando chegou ao aeroporto de Londres, em abril de 1961, teve de cumprimentar-me cerimoniosamente, pois tinha seis colegas para apresentar. Mas no hotel estreitou-me num grande abraço e depois exclamou com as mãos nos meus ombros:

—Não posso acreditar, Greville! Não posso mesmo!

Os delegados soviéticos foram alojados aos pares em cada quarto, à exceção de Alex, que ficou sozinho num quarto. Isso era importante porque, tôdas as noites, depois de concluído o seu trabalho oficial, era levado para um edifício de apartamentos próximo, onde o Serviço Secreto Inglês ocupava um andar

inteiro. Havia uma sala de conferências e um centro de atividades com máquinas de escrever, gravadores de fita, máquinas de cifrar documentos, equipamento de rádio, um projetor de *slides* e filmes e um telefone em ligação direta com Washington. Havia estenógrafas, datilógrafas e intérpretes, bem como um médico munido de estetoscópio, seringa de injeção e comprimidos estimulantes para manter Alex desperto. Durante toda a sua permanência em Londres, ele nunca dormiu mais de três horas por noite. Turmas de funcionários do Serviço Secreto inglês e americano se revezavam a fazer-lhe perguntas, perguntas e mais perguntas.

O material que eu levava antecipadamente assombrara Londres, que percebera, louvavelmente, que a ocasião não era para provincianismo. Os americanos tiveram pleno acesso a inestimáveis informações.

Naquela primeira noite em Londres não houve perguntas. Os chefes do Serviço Secreto, os diretores de departamentos e até um homem cujo nome figura entre os mais famosos da Inglaterra estavam presentes. O objetivo único era fazer Alex sentir-se seguro e bem acolhido. Mas eu via nos rostos daqueles homens poderosos, que eram os verdadeiros guardiães da segurança nacional da Grã-Bretanha, um ardente interesse por aquele mensageiro, imaculado, de olhos brilhantes e cabelos vermelhos, do país que, mais do que tudo, podia ameaçar essa segurança.

## O Gôsto da Liberdade

DURANTE dois dias os componentes da delegação soviética correram a cidade, e isso foi um espetáculo para os russos, que nunca haviam saído do seu país. Os restaurantes e as lojas eram um país de fadas e, embora as ajudas de custo fôssem minguadas e os seis sorridentes soviéticos fizessem principalmente as suas compras nas casas populares de Oxford Street, planejavam compras extravagantes diante das vitrinas na elegante Bond Street e, principalmente, em Harrods. Nessa loja, Alex, o único que tinha dinheiro em abundância, pois recebera pródigas encomendas de generais e suas espôsas em Moscou, comprou às dúzias máquinas fotográficas, barbeadores elétricos, perfumes, águas-de-colônia, talco e meias de nylon. Ali, com os braços cheios de embrulhos, ele teve pela primeira vez a exclamação que eu devia ouvir com tanta freqüência: "Oh, meu povo! Meu pobre povo!"

Mas chegou a hora de tratar de assuntos sérios. Havia sido programadas visitas a fábricas em Wolverhampton, West Hartlepool, County Durham, Birmingham, Sheffield, Leeds, Manchester, Slough e Londres. Todas as providências tinham sido tomadas pelo Serviço Secreto, e em algumas fábricas equipamento especial de natureza tentadora, mas destituído de valor, fôra deliberadamente deixado à vista para a máquina fotográfica que, como se sabia, Pavlov, da Embaixada Soviética

tica, entregara a um dos homens da delegação. Divertia-me ver êsse homem inventar pretextos para esquivar-se, com a máquina escondida na mão, quando eu sabia que o equipamento que lhe chamara a atenção fôra colocado ali especialmente para êle.

As visitas decorreram tôdas sem incidentes. Os russos bisbilhotavam tudo como pardais e Alex estava impaciente para voltar à sala de operações, onde poderia livremente descarregar a memória transbordante.

Quando voltamos a Londres, os dias eram repletos de assuntos oficiais, visitas a fábricas, salas de demonstração e exposições, e as noites, depois da hora de dormir, eram de perguntas e de treinamento na sala de operações. Enquanto os camaradas dormiam, Alex era levado para o edifício de apartamentos para explicar e ampliar durante as longas horas da madrugada não apenas os documentos que mandara antes por mim, mas também muitos outros que trouxera. A memória dêle era vasta, precisa e extremamente disciplinada, e êle tinha mil segredos para revelar acêrca dos dispositivos militares e da organização dos serviços de segurança soviéticos, militares e civis.

Tinha já algum treino de serviço secreto, mas ainda tinha muito que aprender, como técnicas de rádio para poder manobrar o equipamento de grande alcance que lhe permitiria manter contato com Londres, processos de cifra e o uso dos nossos mais recentes aparelhos de micro-

fotos. Nem sempre eu estava presente a essas sessões, mas os nossos especialistas me disseram que nunca tiveram um aluno mais capaz. Impelido pela obsessão da liberdade para o seu amado país, tinha uma energia demoníaca e era em geral o médico que tinha de mandá-lo para a cama.

Êsse amor da liberdade era o cerne da sua personalidade. Nas raras ocasiões em que podíamos ficar juntos a sós, uma hora ou duas à tarde ou numa rara noite de descanso, não continha o seu assombro de ver as pessoas viverem como bem queriam. Passou uma hora no Oratório de Brompton, uma igreja católica de Londres, observando as pessoas que iam fazer as suas orações.

—A religião pode não dar tôdas as soluções, Greville. Mas, ao menos, é livre, não é ordenada pelo Estado e oferece um princípio, alguma coisa para orientar a nossa vida. Nós nada temos senão o que o Estado ordena.

Levei-o à minha casa, onde êle conheceu minha mulher, meu filho e vários dos nossos amigos. Isso foi outra coisa que causou espanto a Alex, porque na União Soviética é perigoso convidar um estrangeiro para casa; e, graças ao prazer que lhe davam essas inocentes reuniões (apresentei-o simplesmente como um visitante de Belgrado), êle fazia delas um grande sucesso.

Algumas garrafas de vinho, um jôgo de cartas, um pouco de dança num pequeno espaço da minha sala, e a noite era maravilhosa. Tratava cada mulher que conhecia como se

# AGORA!

## MAIORES PRÊMIOS

## PELO MESMO PREÇO



TÔDAS  
AS  
QUARTAS E  
SÁBADOS

# LOTERIA FEDERAL

ela fôsse irresistível, segurando-lhe a mão e fazendo-lhe os mais absurdos elogios, mas com tal graça e sinceridade que os maridos e namorados jamais fizeram qualquer objeção. Contudo, sua alegria e até o cansaço que vem depois da alegria podiam desaparecer num instante quando havia que fazer. Uma vez, às duas horas da madrugada, quando saíamos num grupo de oito do Astor Club depois de uma reunião animadíssima, coloquei-o num táxi e disse:

—Durma bem, Alex.

Mas êle respondeu com um sorriso:

—Ainda não, rapaz—e foi para a sala de interrogatórios, onde passou três horas, enquanto eu ia para casa, muito contente de poder dormir.

Alguns dias depois, a delegação soviética voltou para o seu país e Alex teve de comprar malas para levar o contrabando dos generais.

—E a alfândega de Moscou?— perguntei-lhe.

—Não se preocupe, passarei lindamente. O General Serov tomará providências a êsse respeito. A mulher dêle é louca por perfumes.

Eu esperava que isso fôsse verdade, porque iam também escondidos na bagagem um aparelho de rádio de grande potência, uma máquina de cifrar e a mais recente máquina fotográfica Minox, com uma grande quantidade de filme ultra-sensível.

### Sempre Vigilante

Os CINCO meses seguintes foram febris. Fui a Moscou em maio para

entregar a Alex 30 rolos de filme virgem. Em troca, êle me entregou 20, batidos nos subterrâneos do GRU, com os nomes e as atividades de centenas de agentes soviéticos. Quando mencionei o perigo de que alguém o surpreendesse, êle me disse:

—Não é provável. Desço com dois guardas que me trancam lá dentro.

Isso foi dito displicentemente, mas eu sabia que, se êle fôsse revistado, a máquina Minox seria a sua condenação à morte.

Apesar da sua patente, Alex considerava uma imprudência convidar-me para ir à sua casa, mas encontrei-me várias vêzes com a mulher dêle para ir ao restaurante ou ao balé. Era uma mulher morena e bela, que tinha no rosto uma meditativa tristeza. Alex estava proibido de dizer-

lhe que era um elemento de alta categoria do GRU e ela, para seu próprio bem, não podia saber do trabalho que o marido fazia para o Ocidente. Alex me disse que a tensão de ser uma pessoa para ela, quando era mais duas para si mesmo, havia-lhe anuviado a vida conjugal.

Antes que eu partisse de Moscou, tivemos duas boas notícias. A primeira era que em julho Alex iria de nôvo a Londres para a Exposição Comercial Soviética em Earls Court. A segunda era que em setembro haveria em Paris uma Feira Comercial Soviética para a qual eu fôra convidado e à qual Alex provavelmente compareceria. Isso indicava um grande ano para nós, e tudo parecia possível.

# Envie o cupom

**Se você deseja progredir e ganhar mais, qualquer que seja sua idade ou sexo.**

Triunfe. Estudando por correspondência pelo famoso método "Professor em Casa", V. conquistará em poucos meses o DIPLOMA que lhe abrirá as portas do sucesso.

Escolha o  
curso de seu  
interêsse:

**DESENHO** (Artístico, Mecânico, Publicitário e Arquitetônico)

**MADUREZA** (Ginásio, Clássico ou Científico em 1 ano)

**CONTABILIDADE - RÁDIO E TELEVISÃO - INGLÊS**

**PORTUGUÊS - SECRETARIADO - TAQUIGRAFIA - VENDEDOR - CORRETOR**

**PROPAGANDA E PROMOÇÃO DE VENDAS - CORTE E COSTURA**

**GRÁTIS:** Todo o material prático



**DOM BOSCO**

**ESCOLAS REUNIDAS**

Caixa Postal 7754 - Tel. 37-1920 - S. Paulo

Sr. Diretor:

Peço prospecto grátis sobre o curso de:

Nome: \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_

Caixa Postal 7754 - S. Paulo

Durante o mês de junho, quando voltei para Londres e fiquei à espera de Alex, o meu treinamento continuou. Tive de freqüentar cursos de cifra, gravação em fita e comunicações, com uma insistência constante nos princípios básicos que eu havia apreendido durante a guerra. Eis alguns dêles:

Observar as características físicas das pessoas com quem me encontrava.

Guardar na memória os nomes e profissões de tôdas elas.

Nunca entregar mensagens com o braço estendido, mas sempre colado à outra pessoa.

No caso de um encontro, sempre inspecionar prèviamente o local e nunca chegar nem cedo, nem tarde. Se o contato não aparecer, nunca ficar no local à espera, mas sair e voltar com intervalos combinados com antecedência. Ter um segundo ponto de encontro como alternativa.

Escolher os esconderijos para deixar mensagens em locais onde a pessoa que fôr apanhá-las possa ser vista sem despertar suspeitas—cemitérios, jardins públicos ou vestíbulos de edifícios—e variar freqüentemente de pontos.

Quando em missão, nunca ter contato com amigos da vida cotidiana, e, se um encontro dêses ocorrer inesperadamente, encerrá-lo o mais depressa possível.

Estudar e guardar de memória álbuns de fotografias e descrições de agentes soviéticos conhecidos e estar sempre vigilante em relação a êles,

especialmente nos locais de encontro.

Eram êses alguns dos princípios que absorvi na teoria e na prática até que êles se tornaram para mim uma segunda natureza.

### “Não Sou Obrigado a Voltar”

EM JULHO, quando Alex fêz a sua segunda viagem a Londres, os rapazes do Serviço Secreto chamaram-no “o fenômeno sem sono”. A sua energia parecia ilimitada.

Não estive muito com êle durante essa visita, mas um episódio é digno de registro. Um dia, o nosso pessoal sugeriu que, para impressionar a Embaixada Soviética, êle poderia inspecionar o túmulo de Karl Marx, em Highgate. Encontramos a pedra tumular coberta de môfo e a sepultura cheia de mato. Alex, como bom filiado do Partido Comunista, fêz um relatório para Moscou, que por sua vez mandou uma severa carta para Pavlov na Embaixada Soviética e um bilhete de felicitações ao Camarada Penkovsky.

Mandaram-me estar em Paris a 6 de setembro para a Feira Comercial Soviética, não devendo deixar de ir esperar Alex no aeroporto. O dia da chegada não era conhecido e eu tive de ir esperar todos os vôos de Moscou, até que finalmente, no dia 20 de setembro, Alex apareceu saindo da alfândega, sorridente e feliz. Era a primeira visita que fazia à cidade da alegria e do amor.

No caminho para o hotel perto da Embaixada Soviética, os olhos de Alex cintilavam. Quando o nosso

carro parou por um instante numa interrupção do trânsito, o olhar dêle se fixou numa bela mulher que passava.

—Veja aquela loura!—exclamou êle.

—Paris está cheia de pequenas—disse eu—mas você tem de comportar-se.

No hotel, êle fêz entrega de mais de 15 rolos de filmes e uma pilha de documentos fotografados e declarou:

—Estamos prontos agora para entrar em ação.

Há em Paris um quê especialmente favorável à conspiração, e naquele outono dezenas de agentes convergiram para a cidade. Os russos espionavam os seus compatriotas na Feira Comercial, os inglêses e os americanos espionavam os russos, e os franceses espionavam todo o mundo. Ninguém sabia exatamente o que procurava. Quanto a mim, tudo dependia de levar Alex à nossa sala de interrogatórios sem ser observado. Bastava um deslize para encerrar-lhe a carreira de agente.

Os itinerários eram complicados e variavam de dia para dia. Tôdas as manhãs eu recebia instruções sôbre o itinerário daquela noite. Todos os dias servia-me de um carro diferente, cuja identidade só era conhecida dos meus colegas.

Tínhamos quatro pontos de encontro distintos para o difícil início da jornada—o hotel de Alex, a Exposição, um café perto do hotel e um café perto da Exposição. Variávamos também êsses quatro locais,

sem observar um rodízio rigoroso. Em vários pontos propícios ao longo do caminho cheio de rodeios que fazíamos para a sala havia alguém a postos para nos informar se algum carro nos estava seguindo. O nosso observador podia ser um homem ou uma mulher. Contornávamos duas vêzes a Place de l'Étoile, por exemplo, e na segunda vez um homem tirava o chapéu ou uma mulher passava um lenço pela cabeça se não houvesse sinal de que nos estivessem seguindo. Alex passou quatro semanas em Paris e só em duas ocasiões apenas nos atrasamos no caminho para a casa. Nunca deixamos de chegar lá.

Alex cumpria os seus duplos deveres com perícia e determinação. Os soviéticos estavam satisfeitos com o material e as informações que êle colhia nas fábricas e com os contatos que fazia na indústria, e o Serviço Secreto aliado estava mais do que satisfeito com a atuação dêle na sala de interrogatórios. Mas a tensão principiava a manifestar-se. A antiga despreocupação tinha desaparecido. Alex fazia o seu trabalho com severa eficiência, mas a idéia de sair de Paris entristecia-o.

—Não tenho de voltar—disse-me êle uma noite, quando jantávamos nos Champs Elysées, perto do Arco do Triunfo.—O seu pessoal diz que eu posso ficar no Ocidente. Gostariam de obter mais alguma coisa de mim, mas não o exigem. Estão dispostos a instalar-me em Londres ou Nova York. Isso depende inteira-

mente de mim. Qual é a sua opinião?  
Abanei a cabeça.

—Não sei, Alex. Isso você tem de decidir por si mesmo.

Londres me havia dito que, se Alex algum dia falasse sobre esse problema, eu não deveria influenciá-lo.

—Há a questão do trabalho—disse êle calmamente, como falando consigo mesmo.—E há a questão de minha mulher e de minha filha.

Levei Alex até ao aeroporto quando êle partiu. O tempo estava ruim e o vôo teve um atraso de quatro horas. Quando, afinal, anunciaram a partida, dirigimo-nos para a alfândega, mas Alex parou ao chegar à porta e pensei por um momento que fôsse mudar de idéia e voltar para Paris e para a segurança. Botou as malas no chão e ali ficou sem falar, enquanto eu aguardava, cheio de esperança.

De repente, apertou-me a mão, apanhou as malas e disse: “Não, Greville, tenho trabalho para fazer”, e desapareceu.

Assisti à decolagem através da vidraça. Havia ainda algum nevoeiro e, mal se ergueu no ar, o avião desapareceu.

### “Estão Seguindo Você!”

NÃO TIVE durante algum tempo nenhum motivo justificado para ir a Moscou e, por isso, foram tomadas providências para um contato substituto. Alex devia trabalhar com a esposa inglesa de alguém que vivia em Moscou. Êle fôra informado disso em Paris e não gostara da idéia.

Quando se trabalha muito tempo com uma pessoa, especialmente em condições perigosas, fica-se supersticioso.

Apesar disso, em fins de dezembro de 1961, Alex começou a operar com a inglesa em Moscou. Durante duas semanas, tudo correu bem. Mas em princípios de janeiro, depois de entregar alguns filmes numa rua estreita, Alex notou um carro pequeno que deixou a vaga onde estava estacionado, fêz manobra e se dirigiu para a praça. Duas semanas depois, o mesmo carro estava à espera no mesmo local e Alex comunicou imediatamente a Londres que pretendia, ao menos por algum tempo, deixar de servir-se da mulher como contato.

Alex podia às vezes aceitar convites sociais dos ingleses e americanos e então os preciosos filmes e volumes trocavam de mãos. Do contrário, era forçado a deixá-los em esconderijos. Não há agente que goste disso. Quando se deixa um envelope no esconderijo, há sempre uma terrível ansiedade até que se saiba que o mesmo foi apanhado, e, ainda que não se tenha sido observado, nunca se pode ter certeza de que alguém não tenha visto o apanhador. Foi só no fim de março que Alex se encontrou de novo numa festa com a mulher inglesa e pôde entregar-lhe alguns filmes e receber as últimas instruções do Serviço Secreto Inglês.

Eu pensava todos os dias em Alex. Podia sentir as pressões e tensões que deviam estar crescendo dentro dêle. Londres também estava

preocupada e discutiram-se planos para trazê-lo para o Ocidente. Aproveitou-se, por fim, a desesperada idéia de fazê-lo sair clandestinamente num reboque preparado ostensivamente para exposições comerciais. Encomendaram-se dois dêsses reboques, mas tinham de ser feitos especialmente e houve demoras intermináveis na sua execução.

Em julho de 1962, fui a Moscou. Alex estava pálido. Tinha um ar preocupado e mostrava nos olhos uma alarmante fadiga. No terceiro e último dia da minha estada, combinei encontrar-me com êle no Restaurante Pequim. Cheguei cedo e fiquei andando para cima e para baixo, no passeio do outro lado da rua, até que vi Alex aproximar-se. Atravessei a rua, mas, em vez de cumprimentar-me, êle se encaminhou diretamente para o hall de entrada. Compreendi que devia ter acontecido alguma coisa desfavorável.

Alex olhou para o interior do restaurante, depois deu meia volta e, ao passar por mim, murmurou: "Siga-me." Desceu rapidamente a rua e entrou por uma passagem entre edifícios. Entrei logo depois e êle me agarrou o braço e disse:

—Tem de ir-se embora o mais depressa possível! Estão seguindo você! Esteja no aeroporto amanhã às seis horas da manhã. Estarei lá também.

Mais tarde descobri que o meu quarto fôra completamente revisitado, mas o filme que Alex me entre-

gara na primeira manhã ainda estava em meu bôlso.

Na manhã seguinte, no aeroporto, Alex fêz uso do seu cartão de segurança e da sua autoridade ainda grande para apressar a minha partida no primeiro avião para Copenhague. Arriscava-se terrivelmente indo, mas sem êle eu não conseguiria absolutamente viajar. Fumava um cigarro atrás do outro e estava sério e muito preocupado. Quando o vôo foi anunciado, entregou-me um envelope comprido e volumoso.

—É melhor assim—disse êle.—Diga aos meus amigos que devo sair dentro de pouco tempo, muito pouco tempo. Tentarei continuar, mas é muito perigoso.

Foi comigo até ao avião. Não houve demoras e na decolagem vi Alex me dar adeus da pista. Não foi um adeus efusivo. Levantou apenas a mão à altura da cabeça—uma vez só.

## O Julgamento

O JULGAMENTO de O. V. Penkovsky e G. M. Wynne foi iniciado na Suprema Côrte da U.R.S.S. às 10 horas da manhã do dia 7 de maio de 1963, num grande salão superlotado por 500 espectadores. Mais de 100 dêles formam uma espécie de claqué contratada que sempre se senta nas primeiras filas. São um bando horroroso. Os rostos, ansiosos de antecipação e hostilidade, fazem-me recordar o público presente a uma tourada. A função dêles é aplaudir quando a acusação apresenta um

bom argumento. A cena é brutal, espetacular, mas constitui apenas um anticlímax. O nosso destino já foi decidido.

Ensaaiaram-nos durante três dias nos papéis que devemos representar. Recebi um manuscrito de 100 páginas que deverei seguir no tribunal, uma cópia completa, palavra por palavra, das perguntas importantes que me serão feitas e das minhas respostas. Sei que serei interrogado também pela defesa e terei liberdade de dar as respostas que quiser—desde que não cause embaraço e nada diga contra a União Soviética. Do contrário, asseguraram-me que o julgamento passará a ser feito em sessões secretas e Alex será condenado à morte sumariamente. É importante que eu coopere e que o julgamento seja público, porque não só Alex deve ter tôdas as oportunidades de salvar a vida, mas também porque os observadores britânicos poderão então saber exatamente o que os russos descobriram.

A sessão é declarada aberta e procede-se à leitura da denúncia. Alex e eu nos declaramos culpados de acôrdo com a acusação e, no momento em que o promotor começa a interrogar Penkovsky, vejo minha mulher no meio da compacta multidão. Nossos olhares se encontram e ela levanta a mão, mas, quando eu faço menção de responder-lhe, um guarda bate-me na mão, fazendo-a cair. É quase pior vê-la do que não ver ninguém. Ela parece perdida naquela multidão sedenta de sangue.

Atendo-se ao *script*, Alex oculta tudo o que lhe é possível, principalmente sôbre a minha posição como agente consciente. Mas não pode deixar de revelar outros detalhes: os esconderijos das mensagens, as senhas, os encontros, as cartas, os volumes, os interrogatórios em Londres e Paris. O promotor pergunta então a Alex se reconhece a gravidade dos seus crimes. Alex responde afirmativamente. Perguntam-lhe:

—Que qualidades pessoais suas foram a causa disso?

Alex responde:

—As qualidades mais mesquinhas: decadência moral causada pelo uso constante e diário de bebidas alcoólicas, insatisfação com a minha posição no Comitê . . . vaidade, presunção e amor à boa vida. Mas isso de maneira alguma desculpa ou justifica o meu crime. Enganava os meus camaradas e dizia que tudo estava bem comigo, mas na realidade tudo era criminoso em minha alma, em minha cabeça e em meus atos.

A voz de Alex parece um velho disco de gramofone tocado através dos lábios de um cadáver. Quando êle termina, há um silêncio completo. Nem mesmo a turba se faz ouvir.

No dia seguinte, é a minha vez. Desde que Alex e eu tínhamos sido interrogados separadamente, dáramos respostas contraditórias. A acusação se aproveita dessas contradições para mostrar que eu discordava de Alex e, por conseguinte, me indignava com o fato de que êle desmentisse o que eu dizia ser a verdade. A

intenção é provar que até eu, um estrangeiro desprezível, não podia tolerar o degenerado Penkovsky. Convém também aos soviéticos apresentar o Serviço Secreto Inglês como todo-poderoso e fazer-me parecer um mero títere. Isso me convém igualmente. Protege-me, satisfaz a Londres e agrada a Moscou.

Tudo se vai desenrolando de acordo com o que foi ensaiado. Desde que eu sou forçado a sentar-me com a cabeça curvada (para isso encurtaram o fio dos meus fones), não posso fazer ver aos correspondentes da imprensa ocidental que estou lendo notas. Percebo também o intérprete diminuir o volume do meu microfone, ainda que eu esteja seguindo fielmente o manuscrito. Os correspondentes estrangeiros do outro lado da sala agitam-se inquietos, porque nada podem ouvir. O meu temperamento explode em face de tal censura e eu começo a dar respostas indiscretas. O promotor se mostra atônito e muito zangado. Quando, finalmente, devo dizer que sinto muito e estou amargamente arrependido, digo apenas:

—Não tinha a intenção de vir à União Soviética e abusar da boa vontade que me foi demonstrada pelo Ministério do Comércio Exterior.

Não é senão a verdade, mas omite o panegírico muito ensaiado da vida soviética em geral. O promotor está furioso. Dá-me novas deixas para as falas, mas eu não posso proferir tais mentiras. O promotor se senta de

cara fechada e os juizes estão imóveis como penedos. A sessão termina e eu não sei até que ponto prejudiquei a minha causa, mas já não me importo com isso.

Este terceiro dia de julgamento é quase vazio por completo. A sessão da manhã é realizada a portas fechadas e as falas da defesa caem em ouvidos de pedra. Alex e eu fazemos os nossos apelos finais. Alex pede por sua vida, mas eu, que me sinto inclinado a pleitear em favor de Alex mais que de mim, peço tão-somente abrandamento.

Voltamos a reunir-nos depois de um intervalo e mais uma vez a sala fica repleta. Lêem-se as sentenças: Penkovsky é condenado “à morte por fuzilamento e ao confisco de todos os seus bens pessoais”. Wynne, “à privação da liberdade durante oito anos, os três primeiros a serem cumpridos em prisão, os restantes em colônia de trabalho correcional de regime severo”.

Alex é levado do tribunal e eu nunca mais o vejo. Levam-me para uma antecâmara, na qual fazem entrar minha mulher e nos dizem que podemos ter uma hora à nossa disposição. Abraçamo-nos, e durante alguns momentos parece maravilhoso estarmos juntos. Mas, quando nos sentamos, faz-se silêncio e não sabemos o que dizer. Olho para o relógio na parede e vejo que está parado. Aponto para êle, mas o guarda encolhe os ombros. Não é raro os relógios de Moscou pararem, mas nesse caso isso parece simbólico. A nossa vida

parou e só recomeçará em futuro imaginavelmente distante. Sheila se limita a afagar-me a mão e sorrir e, quando chega a hora de ir, não tenho coragem de beijá-la.

### “Vai Aprender a Respeitar-nos”

A MINHA nova prisão será Vladimir. Fica a 250 quilômetros de Moscou e é especialmente má. Comporta 2 000 prisioneiros e nenhum fugiu ainda. A maioria morre ali mesmo, e eu fico sem saber se poderei sobreviver aos horrores de Vladimir. Nos primeiros tempos, eu tinha uma reserva de energia, mas estou agora quase inteiramente esgotado, vazio.

“Vai ser punido”, foi a última coisa que o general me dissera na Lubyanka. “Vai aprender a respeitar-nos.” Aceito a primeira parte, mas contesto a segunda. Punição, sim; respeito, não.

A minha nova cela é vários graus mais imunda do que a da Lubyanka. A privada geral é pior. É um cubículo com um buraco no chão de cimento e cujas bordas estão salpicadas de escarros sangrentos. Nos lavatórios, há mais escarros de sangue nas pias e por todo o chão lamacento. A tuberculose domina as prisões soviéticas e eu me preocupo com a possibilidade de contraí-la.

O meu calendário improvisado entra no mês de setembro. Não tenho espelho, de modo que não posso ver o meu rosto, o que é talvez uma felicidade, mas posso ver os magros tendões das minhas coxas e as mãos delgadas, dantes tão vigorosas e ago-

ra incapazes e fracas. Sinto-me rodeado de morte e sofrimento. Ouço gritos durante a noite.

Depois de cumprir pena durante cinco meses em Vladimir, sou levado de nôvo à Lubyanka. Na sala de interrogatórios estão o velho general, outro coronel, um nôvo intérprete e vários civis mal-humorados, que são claramente o KGB e seu equivalente. Numa grande mesa está uma pilha de latas e caixas, tudo o que Sheila trouxe há tanto tempo — pasta de presunto, chocolate, comprimidos de vitaminas, salada de frutas e cigarros. Há também algumas fotografias de casa e um monte de cartas. O meu estômago anseia pela comida e o meu coração pelas fotografias e pelas cartas. O general tem nas mãos um maço de folhas datilografadas prêsas por um gancho de metal. É uma confissão e eu poderei ter todos os luxos se assinar. Recuso.

Ordenam-me que assine. Há silêncio. De rostos impassíveis, contemplam-me olhos frios. Hesito um momento. Corro então para a mesa e, varrendo-a com o braço, mando latas, fotografias e as tão desejadas cartas voar para o chão. O general grita uma ordem. Dois guardas me seguram e imobilizam os braços e o coronel me bate no rosto com toda a sua fôrça. Uma, duas vezes. A terceira vez com a mão fechada. Caio, sentindo uma dor aguda no queixo e a boca cheia de sangue.

Não me arrependo. Não estou com medo. Estou cheio de um admi-

rável calor de ódio e de desprêzo. Cometeram um grande êrro, deram-me uma fôrça nova. Aquela única pancada alucinada desfez para sempre a triste relação que havia em mim entre o corpo e o espírito. O espírito flutua agora como um espectador. Do meu corpo podem fazer o que bem quiserem. Não poderão agora forçar-me a dizer a verdade. Tudo prossegue, o dia se segue à noite até que o tempo se confunde e eu mal sei se estou acordado ou dormindo. De repente, como por encanto, estou de nôvo num caminhão sacolejante e de volta a Vladimir. A minha cela é a mesma, mas eu estou diferente. Alguma coisa estranha me está acontecendo, uma quietude crescente, um retardamento, a aproximação infinitesimal de alguma conclusão inevitável, ainda que eu não saiba qual será ela.

Deixam-me sòzinho durante oito semanas. A comida desaparece de todo e só me dão uma caneca de chá fraco tôdas as manhãs. Não tenho fôrças para mover-me e não penso em nada. Fico parado e indefeso. Há um zumbido em minha cabeça como de um suave enxame de abelhas. . . . Quando abro os olhos, uma médica está colocando de nôvo a máscara de oxigênio num carrinho. Ela se curva sôbre mim, e eu sinto no braço a picada de uma agulha.

Não me deixariam morrer! É êsse o meu primeiro pensamento, e me dá uma coragem nova. Continuo no hospital e tomo uma injeção todos os dias. A comida melhora, e de vez

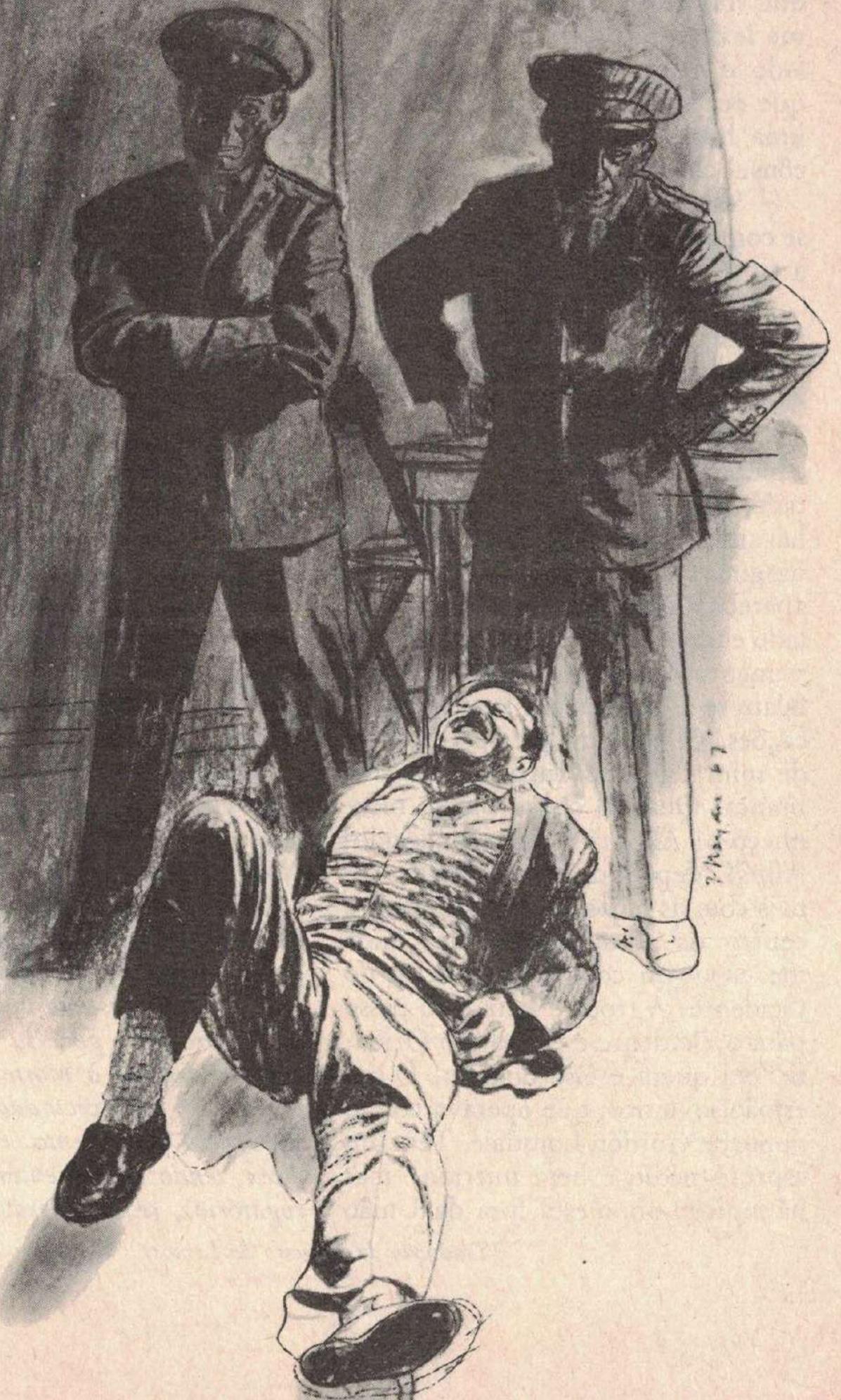
em quando um pedaço de carne bôia na sopa de peixe. Tenho leite, um pouco de pão branco e revistas inglêsas (com os anúncios cortados para que os guardas não vejam os degradantes luxos da civilização ocidental).

### A Troca

MAIS UMA vez volto à Lubyanka. Depois de esperar durante três dias por novos interrogatórios, sou levado em vez disso para o aeroporto e, antes que eu saiba o que está acontecendo, levantamos vôo. Ninguém diz nada, mas, à medida que o tempo passa, percebo que estamos voando em direção ao oeste. Não me atrevo a abandonar-me à esperança que isso desperta, mas quando, afinal, desemos, a primeira coisa que vejo é um cartaz em alemão, e isso mostra que pousamos na Alemanha Oriental.

Um carro me leva para o quartel do Exército Vermelho, onde me encontro com o cônsul soviético. Êle fala bem o inglês e me diz que algum dinheiro, 30 libras que minha mulher me mandou quando eu estava na prisão, vai ser-me restituído no momento, mas não em espécie. Protesto por pura formalidade, embora o dinheiro não me interesse. Mas o cônsul é polidamente firme. Insiste em saber o que eu quero em troca do meu dinheiro e eu digo: "Caviar." Recebi três dúzias de latas; quando as abri, mais tarde, o caviar estava mofado.

Durmo naquela noite com uma forte guarda, e ao amanhecer, depois



7. May 1917.

de um bom café, sento-me entre dois robustos guardas num carro que me leva para o campo. Paramos ao lado de um barracão, que é só o que eu posso ver. Ficamos durante uma hora sentados em silêncio. O cônsul chega à janela do carro e diz:

—Vai sair aqui. Se falar ou não se comportar como deve, será morto a tiros.

O carro dá volta ao barracão e eu vejo que estamos numa fronteira. Desembarco. Os guardas me prendem firmemente os braços. Há soldados por tôda a parte, com cães, fuzis e binóculos. Um telescópio está montado num tripé. Além dos portões há um pequeno trecho de terra-de-ninguém. Do outro lado, um carro aparece e pára. Um homem daquele lado e um dêste se encaminham solenemente um para o outro, param, falam-se e continuam suas identificações. O homem que se aproxima de mim tem uma capa de borracha branca. Quando chega perto, reconheço-o! Alex tê-lo-ia reconhecido! Afinal, depois de intermináveis sinais com as mãos, sou levado para o centro da terra-de-ninguém, onde me encontro com o prisioneiro do Ocidente. A troca é feita e eu passo para o Ocidente e êle para o Oriente. Sei quem é êsse homem. É um espião soviético, que operava com o nome de Gordon Lonsdale. Tem um aspecto nédio e bem nutrido—mas há muito tempo está fora da União

Soviética. Seja bem-vindo a ela.

Eu recebo também boas-vindas. Primeiro, do comandante da base da RAF e sua espôsa e, depois, de cinco dos meus velhos colegas, inclusive o próprio James, que me acolhe com um entusiasmo verdadeiramente britânico:

—Greville! Você está com um aspecto horrível!

É-me difícil acreditar que estou em segurança, mesmo a bordo do avião que ruma para a Inglaterra. Sei que é verdade, mas sinto-me oprimido quando penso que estou aqui, ao fim de tudo, voando para a segurança, ao passo que Alex ainda está lá, vivo ou morto, não sei. O que sei é que nunca poderá escapar.

O avião desce finalmente para o pouso. Há uma porção de rostos amigos, mas ainda as boas-vindas mais importantes me esperam e por fim chegam ao anoitecer dêsse dia miraculoso—a melhor de tôdas as boas-vindas. Estou em casa.

*Nota do autor:*

*Só agora posso escrever acêrca do meu trabalho com Penkovsky. Não o fiz antes porque queria ter certeza de que Alex não estava vivo e de que o meu livro não poderia prejudicá-lo. Foi condenado à morte, mas a sentença não foi executada. Dois anos depois do julgamento, eu soube que Alex, tendo de enfrentar novos interrogatórios, se suicidara.*

(Tradução de Pinheiro de Lemos)

